

## DAMA DA NOITE: As dimensões metafóricas na narrativa de Caio Fernando Abreu<sup>1</sup>

Calila das Mercês Oliveira<sup>2</sup>  
Raquel Machado Galvão<sup>3</sup>  
Urandi Rosa Novais<sup>4</sup>

**Resumo:** Diante das discussões acerca da construção da narrativa, o presente trabalho faz uma análise do conto *Dama da Noite* - presente no livro *Os dragões não conhecem o paraíso* publicado em 1988 - do escritor gaúcho, Caio Fernando Abreu. Abordando os enlaces narrativos, as metáforas presentes no texto, bem como as marcas do contexto histórico, político e sociocultural da década de 1980. As ideias aqui apresentadas estão baseadas nas discussões realizadas durante as aulas de Tópicos da Narrativa e de teóricos como, por exemplo, Walter Benjamin, Denis de Rougemont, Benedito Nunes, Silviano Santiago e outros estudiosos que contribuíram para a construção desse trabalho que aborda as contribuições do texto literário no processo de reflexão sobre os problemas sociais contemporâneos.

**Palavras-Chave:** AIDS. Amor. Caio Fernando Abreu. Contexto histórico. Dama da noite.

**Abstract:** Given the discussions about the construction of the narrative, this paper analyzes the tale *Dama da Noite* - this in the book *Os dragões não conhecem o paraíso* published in 1988 - from the gaúcho writer, Caio Fernando Abreu. Addressing the links narrative metaphors in the text, as well as the marks of the historical, political and socio-cultural 1980s. The ideas presented here are based on discussions during classes Narrative Topics and theorists such as Walter Benjamin, Denis de Rougemont, Benedito Nunes, Silviano Santiago and other specialists who contributed to the construction of this article who say about the contributions literary text in the debate about contemporary social problems.

**Key-Words:** AIDS. Love. Caio Fernando Abreu. Dama da Noite. Historic context.

<sup>1</sup> Artigo orientado pela Professora Dra. Álex Leilla. E-mail: allexleilla@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – Bahia – Brasil. E-mail: caliladasmerces@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – Bahia – Brasil. E-mail: raquelgultura@gmail.com

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – Bahia – Brasil. E-mail: urandinovais@gmail.com

## Introdução

Palavras lapidadas que se transformaram em textos bem elaborados. Trabalho intelectual que insere comportamentos de qualquer ser humano real e imperfeito. A visão de mundo e a mente aberta de Caio Fernando Abreu (1948-1996) fizeram com que ele se tornasse um dos mais importantes contistas brasileiros. Produzindo de forma latente entre as décadas de 1970 e 1990, suas obras permeiam o século XXI com assuntos que ainda podem traduzir tranquilamente a sociedade contemporânea. Sentimentos como o amor, o medo, a solidão, a morte, e tabus como a sexualidade e a AIDS são alguns dos temas recorrentes em Caio Fernando Abreu.

*Dama da Noite*, um dos 13 contos independentes que compõem o livro *Os dragões não conhecem o paraíso* - prêmio Jabuti em 1988 - tido por alguns críticos literários como o livro mais “maduro” do escritor, mereceu uma atenção especial pelo que traz como objetos de abordagens e temáticas. Traduz o espírito de uma sociedade que não tem liberdade, que rotula, limita e forma guetos. Lamenta o sistema imposto, o advento da AIDS e a solidão. E, ainda assim, enfatiza a espera de um grande amor.

Afinal, o que quer dizer *Dama da Noite* de Caio Fernando Abreu? Quais eram as condições sociais e o espírito da época em que Caio F. escreveu este conto? Olhar de fora para dentro, observar o contexto sociocultural da época e elucidar o amor. A proposta é realizar, através deste artigo, um estudo intratextual - da própria obra em si - e extratextual - tempo, espaço e o contexto do autor.

## Enlaces narrativos da dama experiente

*Dama da Noite* remete a uma planta arbustiva e muito popular devido ao aroma inebriante de suas flores, que desabrocham e exalam cheiro forte à noite. O conto - escrito em primeira pessoa - traz como narrador-protagonista uma das tantas personagens da cena *underground* de uma grande metrópole que, apesar de fazer parte da "cena" não se encaixa em

nenhum grupo, representando a fala de alguém que está à margem da sociedade. Voz única do conto, a personagem que fala no feminino se vê imersa num monólogo interior, sintonizando “a palavra com o pensamento fluente, espontâneo, reflexivamente encadeado do personagem, seja o encadeamento intelectual e lógico, seja afetivo e ilógico, no rastilho de imagens ou ideias associadas” (NUNES, 1995, p.64). A personagem realiza isto com seu interlocutor: um jovem rapaz. Apesar de deduzir a sua existência e as suas falas, ele está mudo diante das constatações e desabafos do narrador.

É a partir dos sentimentos e dos olhares deste narrador que se pode ser sentido e visto o espaço e o tempo, além da introspecção psicológica - misturando sensações do presente com as do passado. A dama conta a história por ela vivida, relatos da sua existência. O narrador deste conto de Abreu, assim como o que Walter Benjamin retrata em seu *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, traz consigo aprendido na fala, uma carga de experiências e lições tomadas do seu passado, isto é, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p.201). E podemos perceber essa ideia na seguinte passagem da narrativa:

A gente teve uma hora que parecia que ia dar certo. Ia dar, ia dar. Sabe quando vai dar? Pra vocês, nem isso. A gente teve a ilusão, mas vocês chegaram depois que mataram a ilusão da gente. Tava tudo morto quando você nasceu, boy, e eu já era puta velha. então eu tenho pena. acho que sou melhor, sei porque peguei a coisa viva. Tá bom desculpa, gatinho. Melhor, melhor não. Eu tive mais sorte, foi isso? eu cheguei antes. E até me pergunto se não é sorte também estar do lado de fora dessa roda besta que roda sem fim, sem mim. No fundo, tenho nojo dela. (ABREU, 1988, p.94)

A dama da noite leva a risca o que o escritor e memorialista Pedro Nava disse: "a experiência é um farol voltado para trás". Embora as pessoas estejam vivendo os acontecimentos do presente, o "agora", existe uma tendência à utilização de experiências e

vivências anteriores - passado arquétipo - para a consolidação de um conhecimento que traz uma espécie de sabedoria, uma forma mais harmônica para lidar com as contradições do momento atual e dos que ainda estão por vir. Percebe-se na voz do protagonista um tom de sobriedade diante da experiência que valorizava o sonho de um mundo melhor. Quando ela relata que a sua geração - anterior a de quem ouve - teve "a ilusão", e conclui que "vocês chegaram depois que mataram a ilusão da gente", existe um forte tom de quem já carrega a consciência das limitações que a sociedade e que os seres humanos carregam de forma crônica, talvez imutável.

### Dentro ou fora? Os contextos da engrenagem da roda

O conto começa com a metáfora: a da roda. Representando o fluxo da vida – ou da morte - a dama traz na sua fala uma divisão da sociedade entre as pessoas que estão dentro do movimento da roda e as que estão fora. Para a dama, muitos querem estar dentro, e estão, e alguns como ela, que já tem um senso crítico aguçado, precisam estar fora.

Ao fazer isso, ela retoma todos os momentos bons vividos do seu passado, como os sonhos que a geração de 1960-70 tinha em relação a diversos aspectos sociais passíveis de transformação. A voz do conto é a de alguém que viveu intensamente um momento histórico-cultural anterior à década de 1980, quando foi possível idealizar transformações sociais, políticas e culturais no Brasil, e sonhar diante dessa ideologia. Uma época onde era possível experimentar o outro e quando foi constante o fortalecimento do estudo das minorias, com ênfase no avanço das diretrizes feministas. Contudo, a juventude que foi literalmente à luta durante o período da Ditadura Militar<sup>5</sup>, se viu, posteriormente, diluída diante das perseguições

<sup>5</sup> A Ditadura Militar foi um regime autoritário que governou o Brasil de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985. O poder político do país ficou sendo controlado por militares. Este período foi marcado por repressões, censura à imprensa, perseguição política, ativismo estudantil, movimentos sociais, produção cultural intensa, etc.

políticas e do controle ideológico exercido pelas forças dominantes a partir do final da década de 1970.

Utilizando o recurso da ironia com frequência, a dama da noite também vê o movimento das coisas a partir da influência da dimensão econômica. Um opinião direta: manda quem tem o dinheiro em mãos e quem não tem estará sempre no papel de ser corrompido. É importante considerar que o olhar do narrador é o de alguém que se coloca em uma posição "marginal", no espaço caótico de um grande centro urbano.

Flora Sussekind, no livro *Literatura e Vida Literária*, ao realizar uma reflexão sobre a influência do Estado na dinâmica cultural e literária do período de 60-70, por exemplo, traz categorias de controle que ultrapassam a visão de cadeia ou de tortura:

Aos intelectuais, de acordo com as `gradações da tolerância do poder estatal' cabiam empregos, financiamentos, bolsas de estudo, publicações. E, quando por algum motivo se tornavam intoleráveis, arma poderosíssima: o desemprego, a impossível circulação de seu trabalho artístico ou teórico. (SUSSEKIND, 2004, p. 42-43)

Assim, sonhos e ideologias anteriores foram sufocadas para dar espaço a uma dinâmica na qual se enquadrar nos meandros sociais era apenas questão de tempo. Para exemplificar esse fluxo, diz:

Deixa você passar dos trinta, trinta e cinco, ir chegando nos quarenta e não casar e nem ter esses monstros que eles chamam de filhos, casa própria nem porra nenhuma. Acordar no meio da tarde, de ressaca, olhar sua cara arrebatada no espelho. Sozinho em casa, sozinho na cidade, sozinho no mundo. Vai doer tanto, menino. (ABREU, 1988, p.93)

Para a dama da noite, muitas pessoas aprenderam com facilidade a rodar na roda, menos ela, excluída e marginalizada desse processo. E isso causa revolta. Ao dizer, "quem não

roda se fode", ela se coloca no papel de *loser*, pois mesmo encarnando um personagem, não se encaixa e nem é aceita em grupos:

Olha bem: quem roda nela? As mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana pra comprar um carro, os executivinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas. Estar fora da roda é não segurar nenhuma, não querer nada. (ABREU, 1988, p. 97)

O conto também traz uma abordagem histórica de vários movimentos que caracterizaram as décadas de 1960, 1970 e 1980. Segundo Alessandra Leila Borges Gomes, na tese *Infinitamente Pessoal: Modulações de Caio Fernando Abreu & Renato Russo*<sup>6</sup>, as gerações de 60-70 foram formadas por culturas jovens de poetas e escritores com tendências claramente de esquerda. O que aconteceu nessa época de "modernização da cultura brasileira", funcionaria como "cimento para as transformações sociais que vieram ocorrer nas décadas futuras".

Perseguida pelos fantasmas da AIDS e da Ditadura Militar, a geração de 1980, retratada pela dama da noite, trouxe características de alguns movimentos da cultura alternativa, como o movimento *punk*<sup>7</sup> e *underground*. Contudo, detectou-se uma "ausência de orientação político-ideológico que pode ser diretamente conectada a um partido ou causa social" (GOMES, 2008, p. 218).

Mesmo dentro de um contra-movimento, imerso em uma apatia social aparente, diante de quadro pessimismo, existe, para a dama da noite, um o fluxo dominante - o da roda. É como se a exclusão e o preconceito acontecesse também dentro de um movimento que mesmo

<sup>6</sup> Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais no ano de 2008. Documento disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-7CQGCA>

<sup>7</sup> Cultura punk foi o movimento musical e cultural que surgiu na década de 1970, nos EUA e na Inglaterra, com a ideia de autonomia do "faça você mesmo", a simplicidade, a aparência agressiva e a subversão da cultura. Como principais elementos punk, destacam-se o estilo musical (que aborda problemas sociais - desemprego, violência, drogas, etc - e que inserem ideias revolucionárias, niilistas e anarquistas), a moda, o cinema, as artes plásticas, a literatura e o comportamento.

se dizendo alternativo é superficial. Isso porque, trata-se de uma geração que não lê, que foi educada dentro de apartamentos achando que é verdade absoluta aquilo que se vê na televisão. A década de 80, rotulada como "esquisita", levou também essa fama por um descaso estético e de pensamento impulsionado principalmente pela ascensão de um inseguro universo televisivo:

A música, o cinema, os vídeos e programas de TV que beiravam o trash, a moda e cortes de cabelo new wave, os resíduos do psicodelismo dos anos 60 e 70, a invenção do jeito yuppie, a cultura pop, o culto aos mega-espetáculos, a queda do socialismo no leste europeu, a estética da MTV, entre outros elementos que marcaram essa década, são, em geral, mencionados como prova de um certo 'estar perdido' que se tornou uma tônica nos revivais desse período. (GOMES, 2008, p. 213-214)

Também retratado de forma crítica pelo narrador-protagonista, o movimento *punk*, influência marcante no retrato da classe média dos grandes centros urbanos, veio de uma estética difundida por bandas americanas e inglesas, e foi adotado como força na cena *underground* do Brasil. Impossível dissociar essa ambientação das paranoias que também cercaram a década de 1980, presentes no conto, como a AIDS e a morte.

No retrato ampliado dessa penumbra, o retrato da AIDS como um "*vírus gay*", típico de lugares *darks*, foi abordado no conto de forma crítica diante dos tantos mitos e inverdades que foram criados pela imprensa no período inicial de disseminação da síndrome. Aqueles que não andavam na linha, seguindo modelos ditados pela igreja e pela sociedade, estariam sujeitos a adquirir esse mal.

E no meio de tamanho caos, dentro da máscara pós-moderna que lhe coube, a dama de Caio F. confessa que o mais lhe interessa, que a mantém verdadeiramente viva, é a busca pelo "Verdadeiro Amor" e a esperança de encontrá-lo. Junto com essa abordagem, ela traz a importância de que todos tenham consciência da morte - ou da banalidade da vida. Para a

dama da noite, a descoberta da morte se torna necessária, porque além de rotulável e descartável, a vida nunca deixa de ser fugaz.

Diante dessa experiência de Caio Fernando Abreu, que exercendo a figura de escritor preocupado com as questões do seu tempo, acabou ultrapassando um universo transtemporal e fez da dama da noite uma porta voz da crítica do cruel sistema capitalista. A atitude do autor do conto também configura um ato de rebeldia. O mundo possibilita que as pessoas vistam um universo de máscaras, e o monólogo sábio que é o conto *Dama da Noite* deixa claro que em tempo de caos, no qual as pessoas estão amedrontadas, acuadas e sofrendo de solidão, é possível não passar imune aos sentimentos bons a partir do contato com o outro e da valorização de um sentimento que pode tornar tudo único e infinito, o amor.

#### **Amar é perigoso, mas é preciso continuar...**

Os anos 80 foi um período marcado por mudanças sociais e políticas no mundo. Considerada a década do advento da informação, uma descoberta abalou o modo de amar e de se relacionar das pessoas. Em 1983, um grupo de cientistas do *Instituto de Pasteur* em Paris conseguiu isolar o vírus da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), e nos Estados Unidos da América, no Instituto do Câncer, o vírus também foi isolado, sendo chamado de HIV.

Essa descoberta, de início, causou grande repercussão na sociedade e foi disseminada uma ideia errônea de que a doença advinha dos relacionamentos homossexuais. A AIDS foi, por alguns, chamada de câncer *gay*, mas essa rotulação deixou de ser usada quando heterossexuais também apareceram vitimadas pelo vírus.

O conto de Caio F. dá a abertura para abordar esses dois assuntos muito relevantes na construção da narrativa aqui analisada: o amor e a AIDS, que estão constantemente presentes em *Dama da Noite* e são percebidos no seu monólogo:

Você não viu nada, você nem viu o amor. Que idade você tem, vinte? Tem cara de doze. Já nasceu de camisinha em punho, morrendo de medo de pegar Aids. Vírus que mata. neguinho, vírus do amos. Deu a bundinha, comeu cuzinho. pronto: paranoia total. Semana seguinte, nasce uma espinha na cara e salve-se quem puder: baixou o Emílio Ribas. Caganeira, tosse seca, gânglios generalizados. (ABREU, 1988, p. 94)

Nesse trecho da narrativa ficam claros alguns aspectos que foram questionados com a proliferação da AIDS. Utilizando o recurso da ironia, a dama da noite fala com o possível interlocutor que ele não viu o amor, aquele foi vivido e cultivado nas gerações anteriores, o sexo livre e até mesmo sem prevenção, já que ainda não havia a ameaça dessa contaminação. A nova geração, segundo a dama, não pode mais ter esse privilégio, pois já nasceram com a camisinha em punho e morrem de medo de se contaminar, sendo assim a entrega não é mais por completa. Isso também fica claro quando a dama indaga sobre algumas situações preliminares da prática sexual, mostrando a diferença da época anterior à década de 80:

Já chupou buceta de mulher? Claro que não, eu sei: pode matar. Nem caralho de homem: pode matar. Já sentiu aquele cheiro molhado que as pessoas têm nas virilhas quando tiram a roupa? Está escrito na sua cara, tudo que você não viu nem fez está escrito nessa sua cara que já nasceu de máscara pregada. Você já nasceu proibido de tocar no corpo do outro. Punheta pode, eu sei, mas essa sede de outro corpo é que nos deixa loucos e vai matando a gente aos pouquinhos. (ABREU, 1988, p. 95)

As palavras do narrador põem à prova o momento atual da juventude, pois contesta aqueles que estão dentro da roda, que eles, possivelmente, não terão a oportunidade de viver tudo o que ele viveu, passar pelas boas experiências que ele passou. No texto, há também a referência à ideia errônea de que a AIDS era um câncer gay: “Deu a bundinha, comeu cuzinho. pronto: paranoia total.” (ABREU, 1998, p. 94). O trecho revela a prática sexual entre os gays do sexo masculino. A disseminação de muitas informações falsas pelas diversas mídias de comunicação acabou provocando muita confusão na cabeça das pessoas, isso fica claro também no seguinte trecho:

Ô boy, que grande merda fizeram com a tua cabecinha, hein? Você nem beija na boca sem morrer de cagaço. Transmite pela saliva, você leu em algum lugar. Você nem passa a mão em peito molhado sem ficar de cu na mão. Transmite pelo suor, você leu em algum lugar. Supondo que você lê, claro. Conta pra tia: você lê, meu bem? Nada, você não lê nada. Você vê pela tevê, eu sei. Mas na tevê também dá, o tempo todo: amor mata amor mata amor mata. pega até de ficar do lado, beber do mesmo copo. Já pensou se eu tivesse? Eu, que já dei pra meia cidade e ainda por cima adoro veado. (ABREU, 1988, p. 94-95)

A presença dessa doença é marcante na narrativa, quando aparece a descrição de alguns sintomas como o surgimento de gânglios, febre etc., passagem que remete uma intertextualidade com outras obras de Abreu, como *Ovelhas Negras* e *Onde Andará Dulce Veiga*:

Mas a cidade está louca, você sabe. Sim, a cidade está doente, você sabe. E o vírus caminha em nossas veias, companheiro. [...] apalpar as virilhas, o pescoço, sem entender, sem conseguir chorar, abandonado, apavorado, mastigando maldições, dúbios inícios, sinistros augúrios, e amanhã não desisto: te procuro em outro corpo, juro que um dia eu encontro. (ABREU, 2009, p. 188-192)<sup>8</sup>

Minha roupa estava encharcada, vou pegar um resfriado, pensei – e não, eu não podia, o jornal, a entrevista, a febre outra vez no apartamento vazio, as pontas dos dedos buscando sinais malditos no pescoço, na nuca, nas virilhas. (ABREU, 2012, p. 41)<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Trecho retirado do livro de contos *Ovelhas Negras*, de Caio Fernando Abreu, livro este que, segundo o autor, se fez por si durante 33 anos, de 1962 até 1995, dos 13 aos 14 anos, da fronteira da Argentina com a Europa. Uma espécie de autobiografia ficcional. Publicado originalmente em 1995, nesse trabalho foi usada a edição de 2009, publicada pela editora L&PM.

<sup>9</sup> Trecho que compõe o romance “*Onde Andará Dulce Veiga*”, de Caio Fernando Abreu, obra que conta a história de um jornalista que decide investigar o paradeiro de uma cantora famosa, desaparecida vinte anos antes, no dia da estreia do seu primeiro grande show. Tem início então uma corrida alucinada pelo submundo da vida noturna entre os mais bizarros tipos humanos. Livro publicado originalmente em 1990, todavia aqui foi usada a edição de 2012, publicada pela editora Nova Fronteira.

Nos trechos acima, bem como na passagem já citada do conto *Dama da Noite*, percebemos o quanto a doença é metaforizada ou mesmo escancarada através da linguagem narrativa de Caio F., tudo isso remete à época em que o conto foi escrito, o quanto essa temática abalou a estrutura da sociedade da época, como também a de hoje, pois mesmo já havendo o coquetel que deixa a portadora do HIV com seu sistema imunológico mais forte, há em uma parcela da sociedade, o preconceito em relação aos portadores do vírus, e muitos destes indivíduos ainda hoje são excluídos e colocados à margem da sociedade.

Percebemos o quanto o autor consegue representar em sua obra literária o desespero de uma época marcada por muitas decepções e angústias, pois:

A relação entre os textos de Caio Fernando Abreu e o momento histórico em que viveu demonstra que o autor conseguia, com sua forma particular de devastar a subjetividade e a intimidade dos sentimentos humanos, representar todo o desengano que tomou conta da geração que atravessou os estertores no Brasil nos anos da década de 1980. (MARQUES, 2009, p. 97)

A partir daí, percebe-se como as pessoas portadoras desse vírus eram vistas naquela época, sinônimo de peste, de algo ruim, como se fossem malditas, amaldiçoadas e que apenas serviriam para contaminar as outras pessoas. A AIDS, naquela época, foi vista como um castigo para as pessoas. Segundo Gomes:

A construção da AIDS como uma doença “punitiva” para grupos que apresentavam uma conduta sexual considerada inadequada impossibilitou, durante as décadas de 80 e 90 do século passado, que seus portadores pudessem ser vistos apenas como pessoas vitimadas por um vírus, que precisavam de cuidados e de investimentos em pesquisas. Dentro desse cenário, os grupos se viram obrigados a inventar formas de lidar não apenas com a epidemia e a escassez de métodos eficazes quanto ao seu controle, mas, principalmente, com os discursos — jornalístico, médico e do senso comum — sobre a enfermidade. (GOMES, 2009, p. 213)

Com base nisso, fica claro que, por não ter havido de forma imediata estudos para descobrir cura ou maneiras de amenizar os efeitos do vírus no corpo humano, muitas pessoas eram condenadas não só à solidão – por serem excluídas por medo do contágio – como também à morte, porque como não havia tratamento para reduzir os efeitos da doença. Muitos portadores morreram rapidamente e de forma deplorável, considerando o quão agressiva é a doença.

Mais uma vez há uma metaforização para a descrição da morte. Essa passagem da narrativa remete a outro trecho do romance de Caio Fernando Abreu, *Onde Andará Dulce Veiga*, no qual o narrador compara a imagem do edifício a um corpo contaminado pelo vírus que mata em estágio bem avançado.

Era um edifício doente, contaminado, quase terminal. Mas continuava no mesmo lugar, ainda não tinha desmoronado. Embora a julgar pelas rachaduras no concreto, pelas falhas cada vez mais largas no revestimento de pastilhas de cor indefinida, como feridas espalhando-se aos poucos sobre a pele, isso fosse apenas uma questão de meses. (ABREU, 2012, p. 46)

No entanto, mesmo em meio a tantas desgraças pelas quais a dama da noite passa, ela que é a representação do mundo dos bêbados, mendigos, prostitutas, das brigas de bar, da criminalidade, dos empregos servis, enfim, do mundo *underground*. A manifestação da amargura, do descontentamento e da solidão que habita os seres que frequentam o lugar no qual ela está, bem como a que também habita as pessoas que rodam na roda, enquanto a possibilidade de participar de alguma roda para uma simples conversa com pessoas desconhecidas, ou ainda, ter oportunidade de receber prazer, sexo fácil.

Ela, a dama da noite, é um exemplo de quem se sente excluída, justamente por sentir-se fora de qualquer formação, de qualquer padrão comportado exigido pelo moralismo ainda existente, isto é, uma pessoa que não obedece aos padrões impostos por uma

determinada classe. Uma mulher com muita experiência do que é a vida noturna, e conhecedora de todos os códigos de sobrevivência na cultura *underground*. (MACHADO, 2006)

Mesmo com todas essas agruras que a dama conta em sua história, há algo que a mantém ainda confiante e por esse motivo que ela se aventura nas noites *undergrounds*, o amor, é à procura do amor que mantém essa frágil criatura de pé, mesmo sendo um amor não realizado, pois, como afirma Rougemont:

O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado do que a paixão do amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental. (2003, p. 24)

Por isso, a dama da noite se submete a todos os riscos que corre pelas noites, ela está em busca, mesmo em meio a toda maldade e sujeira que envolve os ambientes pelos quais passou e passa, do grande amor de sua vida. Alimentar a ideia do encontro desse amor é tão importante que ela fica a imaginar como será seu amado:

Se quiser eu piro, e imagino ele de capa de gabardine, chapéu molhado, barba de dois dias, cigarro no canto da boca, bem noir. Mas isso é filme, ele não. Ele é ainda de um jeito que ainda não sei, porque nem vi. Vai olhar direto para mim. Ele vai sentar na minha mesa, me olhar no olho, pegar na minha mão, encostar seu joelho quente na minha coxa fria e dizer: vem comigo. É por ele que eu venho aqui, boy, quase toda noite. Não por você, por outros como você. Pra ele me guardo. Ria de mim, mas estou aqui parada, bêbada, pateta e ridícula, só porque no meio desse lixo todo eu procuro o verdadeiro amor. Cuidado comigo: um dia encontro. (ABREU, 1988, p. 97-98)

Essa passagem narrativa comprova a ideia da necessidade do amor, relacionando-o a outro trecho de um conto de Caio F., *Os dragões não conhecem o paraíso*, que também reforça a necessidade do amor na vida das pessoas: “Os homens precisam da ilusão do amor da mesma

forma como precisam da ilusão de Deus. Da ilusão do amor para não afundar na horrível solidão absoluta; da ilusão de Deus, para não se perderem no caos da desordem sem nexo” (ABREU, 1988, p. 148)

Podemos dizer que esse trecho dialoga com a fala da dama, pois a mesma está à procura desse amor, nutrindo esse sentimento justamente pela necessidade de não acabar seus dias sozinha, ou seja, ficar mergulhada na profunda solidão em que se encontram muitas pessoas na sociedade contemporânea. É como se ela buscasse o complemento para suas faltas, “encostar seu joelho quente em minha coxa fria” (ABREU, 1988, p. 97), o oposto das palavras remete a uma das configurações do amor, o Eros que, segundo Gomes:

Está relacionado com o reconhecimento de uma falta, capaz de gerar uma crença no amante de que o amado possui a chave ou resposta para o seu problema, isto é, o remédio para sua ferida, a solução para o seu vazio. Assim, a forma Eros coloca em circulação a ideia de que o amor se orienta, sobretudo, pelo desejo daquilo que não se tem, pela vontade de completude — é o que no senso comum chamamos de “crença do amor romântico”. Essa orientação pela procura da alma gêmea é uma das marcas da experiência do amor romântico, e antes mesmo que os sujeitos vivenciem uma relação amorosa, estão em contato com a representação ideal dela, com os mecanismos que a viabilizariam, como rituais e lugares de busca, investimentos na aparência e no comportamento, formas de conquista e todo um arsenal de técnicas em prol de encontros que efetivem tal experiência (GOMES, 2012, p. 5).

Sendo assim, o personagem principal a cada dia que sai para as noites nos ambientes decadentes dos centros urbanos fica sempre na expectativa de encontrar essa alma gêmea que venha a mudar o ritmo de sua vida, encontrar esse grande amor, é a única esperança para a dama da noite, é a luz no fim de um túnel negro e cheio de maldades, pois ela tem um sonho e um destino.

Mas enquanto isso não acontece, essas pessoas excluídas, mesmo querendo se aparentar fortes, voltam aos seus guetos e se martirizam com seus próprios pensamentos:

As damas da noite recolhem seu perfume com a luz do dia. Na sombra, sozinhas. Envenenam a si próprias com loucas fantasias. [...] [...] quando chega essa hora da noite eu me desencanto. Viro outra vez aquilo que sou todo dia, fechada sozinha perdida no meu quarto, longe da roda e de tudo: uma criança assustada. (ABREU, 1988, p. 98)

### Últimas Palavras: a Hora do (Des)encanto

Ao analisarmos o conto de Caio Fernando Abreu, percebemos o quanto sua escrita revela da sociedade na qual estava inserido, pois no texto aqui abordado, é perceptível a presença de muitos aspectos da década de 1980, década esta que sucumbiu todos os sonhos das duas décadas anteriores.

Utilizando uma linguagem bem elaborada, como também a criação de um único personagem que serve de metáfora para os vários aspectos abordados no conto, Abreu faz de *Dama da Noite* uma obra que traz à tona diversos assuntos para discussão, a sociedade fragmentada de uma época em que a utopia deixou de existir, o sistema capitalista que imperou no meio social, tornando as pessoas codificadas a seguirem um mesmo comportamento; e aqueles que não se enquadravam nesse código eram colocados à margem da sociedade, eis aí a metáfora que o personagem do conto retrata: as minorias que são estigmatizadas, desvalorizadas, humilhadas e colocadas para fora do movimento da roda social.

Além disso, no conto *Dama da Noite*, Caio F. traz toda uma reflexão acerca da AIDS, doença que dizimou muitas pessoas, inclusive o próprio autor em 25 de fevereiro de 1996. No conto, através de um bem elaborado jogo de linguagem, o autor mostra todo o horror que a descoberta dessa doença provocou na sociedade época, a maneira como ela foi conceituada em seu momento inicial, bem como as consequências que os portadores enfrentavam em meio à sociedade preconceituosa e mal informada daquela época.

E em meio a tantos problemas sociais e a degradação da humanidade, Abreu ainda traz o assunto alimentador dos sonhos da sociedade ocidental, o amor, pois é justamente esse sentimento que nutre as esperanças da personagem do conto.

Parafraseando Lygia Fagundes Telles, percebemos que realmente o que inquieta e fascina na escrita literária desse autor é justamente o uso da loucura lúcida. Ele, com sua magia de encantador de serpentes que, despojado e limpo, vai tocando flauta e as pessoas vão se aproximando de todo aquele ritual aparentemente simples, mas terrível porque é revelador de um denso mundo de sofrimento. De piedade. De amor. (TELLES, 2012)<sup>10</sup>

O conto aqui abordado é um verdadeiro retrato da época na qual ele foi produzido e publicado, funciona também como um retrato de imagens móveis e substituíveis, pois até hoje existem semelhanças sociais em tudo que foi abordado. Assim, pode-se dizer que o autor foi profético em sua escrita? Considerando o fato dessa obra ter ultrapassado os tempos e levantar questões com essa dama e as representações dos diversos aspectos da sociedade onde estamos inseridos, fica a pergunta: atualmente, quem são os que rodam na roda e quais são aqueles que estão fora dela?

### Referências

ABREU, Caio Fernando. **Onde Andará Dulce Veiga?: um romance B.** – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ovelhas Negras.** – Porto Alegre: L&PM, 2009.

<sup>10</sup> Trecho do prefácio do livro *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, sendo que este foi retirado da edição de 2012, publicado pela editora L&PM, todavia a primeira publicação desse livro foi feita em 1975, livro de contos no qual as obras que o elencam trazem uma forte relação com as agruras vividas no período da ditadura militar.



\_\_\_\_\_. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. – 7ª. Edição. – São Paulo/SP: Editora Brasiliense, 1994.

GOMES, Alessandra Leila Borges. **Infinitamente Pessoal: as modulações do amor em Caio Fernando Abreu e Renato Russo**. [Tese de Doutorado] defendida em março de 2008, na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

GOMES, Alessandra Leila Borges. **Pretérito Imperfeito: Uma Coreografia Verbal do Amor na Contemporaneidade**. Projeto de Pesquisa do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, integrado ao Núcleo de Estudos Portugueses; aprovado pela Resolução CONSEPE nº073/2010, de 24/03/2010. – Feira de Santana, 2012.

HILST, Hilda. **O Caderno Rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. – São Paulo: Editora Ática, 1995.

ROUGEMONT, Denis. **História do Amor no Ocidente**. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. – 2ª. Ed. Reform. – São Paulo: Ediouro, 2003.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e Vida Literária: polêmicas, diários e retratos**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

TELLES, Lygia Fagundes. In: ABREU, Caio Fernando. **O Ovo Apunhalado**. - Porto Alegre: L&PM, 2012.

TORRES, Danilo Maciel. **O Amor como Falta em Caio Fernando Abreu**. [Dissertação de Mestrado] defendida em agosto de 2006, na Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Entrevista com Hilda Hilst para a TV Cultura. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5yeFhO4G2OQ>> Acessado em: 28 de julho de 2013.

(Recebido em 22/09 – Aceito em 12/10/2014)